

Comentários do Gestor

Internacional

Estamos vivenciando, pelo menos desde o mês de abril, os mercados sendo impulsionados por três temas centrais: a amplitude dos estímulos monetários e fiscais no mundo, as medidas de flexibilização do isolamento social versus os temores de uma segunda onda e as eleições americanas. Os estímulos monetários e fiscais já conhecidos e concedidos, bem como as expectativas de novos estímulos, em especial um novo pacote fiscal nos EUA e o fundo de recuperação na União Europeia, seguem como temas centrais para contribuir com a melhoria do desempenho dos mercados. A grande questão que parece atrair o debate está centrada no prolongamento das condições financeiras atuais e o futuro comportamento da curva de juros conforme as expectativas vão se ajustando aos efeitos dos juros baixos sobre a economia real em proporção a magnitude da liquidez. Por sua vez, a flexibilização das medidas de isolamento social continuam ocorrendo na maioria das economias do mundo e sugerem que os cuidados com os protocolos e o crescente aprendizado de convívio com a pandemia ainda sem vacina tornem tal cenário mais consistente, apesar da baixa estabilidade no quadro de casos de Covid-19 após retorno em algumas regiões, principalmente em países com dimensões continentais, como EUA, Brasil entre outros. A flexibilização das restrições tem gerado certa mitigação dos impactos econômicos de forma agregada, proporcionando a possibilidade de termos maior visibilidade sobre o comportamento das economias. Finalmente, as eleições americanas têm demonstrado uma nova dinâmica dado os resultados de diversas pesquisas eleitorais que passaram a apontar um certo favoritismo de Joe Biden, mesmo em estados nos quais o Partido Republicano tradicionalmente se mostrava vitorioso. De qualquer modo, é provável que as eleições nos EUA cause volatilidade até novembro, uma vez que pesará sobre os mercados as perspectivas dos estímulos fiscais adicionais em detrimento de uma potencial elevação dos impostos e maior regulação dos mercados, que farão com que o processo eleitoral se apresente como um seguro, no sentido de impedir o FED de aumentar as taxas de juros por lá, independente de qual dos dois partidos se sairá vitorioso no pleito eleitoral.

Brasil

Temos observado a mesma dinâmica de relaxamento do isolamento social no Brasil em relação às praticadas no exterior, em função de termos superado, na maioria das regiões, os estágios mais intensos e agudos da pandemia. Como consequência, vemos reflexos positivos sobre a atividade econômica, segundo dados de alta frequência e dando início a recuperação das condições de demanda e oferta na economia. A inflação por sua vez, medida pelos índices de preços ao consumidor tem mostrado uma menor desinflação e demonstra certa tendência em direção ao campo positivo, no entanto, mantendo o quadro benigno da inflação corrente e prospectiva. Do lado fiscal, temos tido debates sobre a prorrogação dos estímulos à economia, como por exemplo a manutenção do auxílio emergencial de R\$ 600,00 para a população mais carente e vulnerável, com extensão do custo fiscal em R\$90 a 100 bilhões, com a expectativa de que tal ajuda adicional sustente ainda mais a demanda no curto prazo. Estaremos atentos às medidas que serão prorrogadas, bem como, ao tempo destas que entendemos serem dados cruciais para as perspectivas da situação fiscal do setor público em todas as esferas da União. No campo político, a questão fiscal entrou no radar principalmente depois da aproximação do governo Bolsonaro ao grupo político denominado Centrão. Levando em consideração o fato, acreditamos que tal manobra é contributiva para gerar uma perspectiva mais positiva para a reconstrução da agenda de votações nas

necessárias reformas no pós-crise. Evidente que a questão fiscal e política estão pesando menos neste momento em relação a execução da política monetária, o que fez o Copom avaliar em sua última reunião que o cenário demandava um corte adicional de 0,75% na Selic, além de deixar em aberto a possibilidade de um novo ajuste adicional de menor proporção na próxima reunião de 04 e 05 de agosto.

Bolsa

O Ibovespa subiu quase 9% em junho, no entanto terminou o semestre com queda de aproximadamente 18%. O que contribuiu para a alta do mês foi uma certa estabilização dos casos do Covid-19 associada a expectativa de reabertura da economia. Em muitos setores, dos mais afetados pela crise, observamos uma recuperação, notadamente as companhias ligadas ao setor de incorporação imobiliário, das empresas aéreas e do setor de turismo. No exterior, vale ressaltar a alta das empresas de tecnologia responsáveis por impulsionar o índice Nasdaq em quase 6,5%, descolando-se do S&P que teve elevação mais modesta próxima de 2%. Como reflexo, no Brasil o setor de tecnologia também teve performance superior ao Ibovespa, assim como financeiro não-bancário e o setor elétrico, ambos presentes em nossas alocações na estratégia long & short de bolsa. Por outro lado, não foi satisfatório o desempenho de algumas ações ligadas a mineração e commodities, como papel e celulose. Neste sentido seguimos mais comprados na estratégia, por acreditarmos que temos pela frente temas que irão convergir para uma geração de valor pela seletividade das ações que optamos manter na estratégia, bem como pela contínua procura por ativos de risco no atual cenário de juros baixos e permanência dos estímulos monetários e fiscais.

Juros e Câmbio

Tivemos no mês de junho uma alta volatilidade no mercado de câmbio, que seguramente podemos afirmar ter sido sem precedentes. A taxa de câmbio caiu do início do mês de R\$5,42 para R\$4,82, ou seja em torno de 12,45%, retornando para a casa dos R\$5,32 no fechamento do mês e encerrando com alta de aproximadamente 1,85%. Em termos de posições, no câmbio, mantivemos posições táticas via opções e futuros, procurando extrair alpha da volatilidade com baixo risco, onde chegamos a capturar o movimento de queda, no entanto com o retorno dos preços para níveis próximos do fechamento do mês de maio, tivemos importante extração dos ganhos obtidos com a queda. No mercado de juros, verificamos uma melhora do mercado sustentada pela percepção da tendência de volta à normalidade nas principais economias mundiais, amplificada por um ambiente de ampla liquidez, juros baixos e continuidade das políticas de estímulo. Na estratégia de juros ainda julgamos ter boas oportunidades para uma posição aplicada em juros reais e nominais na parte intermediária da curva, sendo que mantivemos posição tomada pequena na parte longa da curva.

Fechamento dos Mercados Locais e Internacionais

Renda Fixa (%)						
Nome	Ult.	Mês	Ano	L1M	L3M	L12M
CDI	-	7,86%	7,86%	0,20%	0,77%	4,62%
IMA-B	7511,80	20,93%	20,93%	2,12%	5,12%	4,95%
IMA-B 5	6659,90	16,76%	16,76%	1,14%	4,50%	8,81%
IMA-B 5+	9050,93	23,54%	23,54%	2,95%	5,66%	1,97%
IRF-M	14191,54	17,51%	17,51%	0,76%	3,90%	9,81%

Curva de Juros (b.p.)						
Nome	Ult.	Mês	Ano	L1M	L3M	L12M
DI Jan 20	2,07	-5,29	-5,29	-0,21	-1,43	-3,78
DI Jan 21	4,02	-4,51	-4,51	-0,21	-1,64	-2,62
DI Jan 23	5,68	-3,42	-3,42	-0,26	-1,29	-1,44
DI Jan 27	6,61	-2,80	-2,80	-0,30	-1,03	-0,83

American Treasury (b.p.)						
Índice	Ult.	Mês	Ano	L1M	L3M	L12M
Treasury 2	0,15	-2,37	-2,37	-0,01	-0,10	-1,61
Treasury 10	0,66	-2,06	-2,06	0,00	-0,02	-1,35
Treasury 30	1,41	-1,61	-1,61	-0,04	0,15	-1,12

Commodities (%)						
Nome	Ult.	Mês	Ano	L1M	L3M	L12M
Petróleo WTI	39,27	-18,73%	-18,73%	9,72%	30,68%	-29,57%
Petróleo Brent	41,27	-25,40%	-25,40%	7,39%	18,22%	-33,42%
Metals (LME)	2681,70	-4,54%	-4,54%	7,15%	16,89%	-4,86%
OURO	1780,96	39,06%	39,06%	2,38%	9,38%	26,35%
CRB Commodities	360,13	-11,87%	-11,87%	-2,08%	-3,59%	-11,70%
CRB Metal	688,66	-17,53%	-17,53%	3,82%	4,65%	-11,34%
CRB Alimentos	290,41	-9,84%	-9,84%	-4,46%	-7,80%	-16,50%
CRB Matéria-prima	417,74	-13,26%	-13,26%	-0,40%	-0,56%	-8,23%
CRB Têxtil	279,48	-2,60%	-2,60%	1,42%	6,27%	-0,06%

Moedas (%)						
Nome	Ult.	Mês	Ano	L1M	L3M	L12M
Dólar/ Real	5,468	41,04%	41,04%	1,89%	7,20%	42,02%
Euro/ Real	6,141	38,48%	38,48%	2,78%	8,09%	40,30%
Dólar/ Peso Mexicano	22,992	16,96%	16,96%	4,37%	-1,50%	19,61%
Dólar/ Yen	107,930	-2,12%	-2,12%	0,32%	-0,01%	0,07%
Dólar/ Renminbi	7,064	2,70%	2,70%	-0,90%	-0,45%	2,87%
Euro/ Dólar	1,123	-1,84%	-1,84%	0,88%	0,83%	-1,22%
Franco Suíço/ Dólar	1,056	3,89%	3,89%	1,43%	0,49%	3,05%
Libra Esterlina/ Dólar	1,240	-2,35%	-2,35%	-0,73%	-0,47%	-2,32%
Dólar Futuro	5476,000	41,32%	41,32%	1,31%	8,04%	42,89%

Credit Default Swap (b.p.)						
País	Ult.	Mês	Ano	L1M	L3M	L12M
EUA	90,02	7,66	7,66	-5,57	-6,15	17,07
BRASIL	256,51	45,95	45,95	-19,78	-6,89	106,11
Austrália	167,90	91,63	91,63	-24,26	12,14	114,24
Japão	18,54	-75,74	-75,74	-4,47	-25,45	-53,91
Irlanda	29,03	-65,25	-65,25	-5,93	-11,88	-43,42

Bolsa Brasil (%)						
Índice	Ult.	Mês	Ano	L1M	L3M	L12M
Ibovespa	95.056	8,16%	8,16%	7,26%	29,45%	-5,85%
IBX	40.213	10,20%	10,20%	7,44%	29,49%	-4,66%
IBX-50	15.529	6,22%	6,22%	7,75%	31,09%	-6,93%
Mid-Large Capital	1.827	8,56%	8,56%	6,96%	29,14%	-5,54%
Small Cap	2.252	25,40%	25,40%	11,04%	27,25%	5,15%
Dividendos	5.594	18,48%	18,48%	7,55%	18,12%	-0,15%
Consumo	4.703	38,33%	38,33%	8,35%	31,04%	13,99%
Imobiliário	975	19,80%	19,80%	13,12%	15,80%	-3,74%
Financeiro	9.926	-1,98%	-1,98%	10,52%	21,01%	-17,32%
Energia	70.160	42,41%	42,41%	5,25%	23,30%	9,91%

Bolsas Internacionais (%)						
Índice	Ult.	Mês	Ano	L1M	L3M	L12M
DJ	25.813	11,93%	11,93%	1,33%	19,30%	-2,96%
Nasdaq	10.059	52,76%	52,76%	5,30%	34,07%	25,64%
S&P 500 (EUA)	3.100	24,72%	24,72%	1,46%	21,99%	5,39%
S&P 200 (Austrália)	5.898	4,31%	4,31%	1,35%	21,80%	-10,89%
Shenzhen Index	1.976	55,81%	55,81%	7,19%	16,66%	26,44%
Shanghai Index	2.985	19,68%	19,68%	2,38%	7,66%	0,19%
Hong Kong	24.427	-4,22%	-4,22%	2,93%	4,02%	-14,42%
Nikkei (Japão)	22.288	11,36%	11,36%	1,02%	14,95%	4,76%
DAX (Alemanha)	12.311	16,59%	16,59%	n/d	27,81%	-0,71%
FTSE (Inglaterra)	6.170	-8,38%	-8,38%	0,05%	11,97%	-16,91%
IBEX 35 (Espanha)	7.231	-14,86%	-14,86%	0,14%	6,69%	-21,39%
FTSE MIB (Itália)	19.376	5,74%	5,74%	4,60%	15,18%	-8,76%
PSI 20 (Portugal)	4.390	-5,53%	-5,53%	-0,80%	11,35%	-14,54%
VIX	30,43	7,37%	7,37%	7,79%	-53,57%	101,79%

Variação dos 14 Maiores Ativos Presentes na Carteira de Ações - Trius Capital						
Nome	Ult.	Mês	Ano	L1M	L3M	L12M
BANCO DO BRASIL	32,15	4,42%	-39,13%	4,25%	13,85%	-40,40%
BRASKEM-PREF A	23,22	-19,93%	-22,21%	-16,29%	31,04%	-33,71%
BR MALLS	10,08	1,31%	-44,19%	2,75%	-7,52%	-29,66%
CIELO SA	4,62	14,07%	-44,80%	12,96%	0,22%	-31,25%
ENERGIAS DO BRAS	17,42	0,06%	-21,18%	-1,41%	12,39%	-7,83%
EVEN	11,06	54,69%	-28,92%	56,66%	56,66%	33,25%
GERDAU-PREF	16,01	18,33%	-19,95%	19,21%	58,51%	5,33%
ITAU UNIBAN-PREF	25,45	9,18%	-31,40%	10,46%	10,80%	-29,81%
LOJAS AMERIC-PRF	32,18	12,09%	24,20%	13,91%	69,37%	96,05%
LIGHT SA	16,58	16,60%	-30,22%	19,11%	67,14%	-14,45%
PAO ACUCAR	70,98	16,65%	n/d	12,70%	10,87%	n/d
PETROBRAS-PREF	21,55	9,00%	-28,60%	5,95%	62,03%	-21,38%
SLC AGRICOLA SA	23,60	-6,72%	-4,84%	-5,26%	4,52%	33,56%
VALE SA	55,92	11,64%	4,92%	5,51%	39,45%	7,91%

Para mais informações sobre o mercado financeiro, nossa estratégia de alocação ou sobre recomendação de produtos, entre em contato com um de nossos gerentes de relacionamento através do telefone +55 11 3759-4800 ou pelo e-mail info@triuscapital.com.

Atenciosamente,
Equipe Trius Capital

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo, não podendo ser distribuído, reproduzido ou copiado sem a expressa concordância da Trius. Estas informações não devem ser entendidas como colocação, distribuição ou oferta de fundo de investimento ou qualquer outro valor mobiliário. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo ao aplicar seus recursos. Para avaliação do desempenho do fundo de investimento, é recomendável uma análise de, no mínimo, 12 (doze) meses. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Crédito - FGC.